



REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA: UMA ANÁLISE DO REGISTRO MEMORIAL DE XICA DA SILVA NA OBRA DOCUMENTAL DE JOAQUIM FELÍCIO DOS SANTOS

DOI: 10.48075/ri.v25i2.31055

Ester Estevão da Silva¹

José Edilson de Amorim²

RESUMO: O presente artigo descreve e problematiza a representação memorialista da figura histórica Francisca da Silva de Oliveira na obra *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca de Serro Frio* (1868), de Joaquim Felício dos Santos. A partir de uma revisão bibliográfica que abarca discussões sobre a veracidade histórica dos acontecimentos registrados na historiografia oficial e a formulação das representações na História, objetivamos compreender como a representação de Xica da Silva, ao advir de construções discursivas e sociais, reflete e propaga os significados existentes no imaginário sócio-histórico brasileiro sobre mulheres negras. Para tanto, fundamentamos esta pesquisa em teóricos como Bakhtin e Voloshinov (2006), Pesavento (1995 ; 2012), Achard, Furtado (2003), Car (1996), Chartier (2002), Hall (2016), Le Goff (1990), Ricoeur (1994; 2007), Thompson (1998), entre outros. Com esta investigação constatamos como a formulação de respectiva personagem afro-brasileira, verificada na obra, evidencia as correntes de opinião, ideologias e movimentos sociais existentes em torno da raça negra, as quais, difundidas pelo discurso autoral, são tomadas como versão oficial dos acontecimentos e, conseqüentemente, como “verdades históricas”.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande — PB. Bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ). E-mail: esterestevaodasilva2@gmail.com

² Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande. Email: edilsondeamorim@gmail.com

HISTORICAL REPRESENTATION: AN ANALYSIS OF THE MEMORIAL RECORD OF XICA DA SILVA IN THE DOCUMENTARY WORK OF JOAQUIM FELÍCIO DOS SANTOS

ABSTRACT: The present article describes and problematizes the memorialist representation of the historical figure Francisca da Silva de Oliveira in the work *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca de Serro Frio* (1868), by Joaquim Felício dos Santos. Based on a literature review that includes discussions about the historical veracity of the events recorded in official historiography and the formulation of representations in history, we aim to understand how the representation of Xica da Silva, arising from discursive and social constructions, reflects and propagates the existing meanings in the Brazilian socio-historical imaginary about black women. To this end, we base this research on theorists such as Bakhtin and Voloshinov (2006), Pesavento (1995; 2012), Achard, Furtado (2003), Car (1996), Chartier (2002), Hall (2016), Le Goff (1990), Ricoeur (1994; 2007), Thompson (1998), among others. With this investigation we verified how the formulation of respective Afro-Brazilian character, verified in the work, evidences the currents of opinion, ideologies and social movements existing around the black race, which, disseminated by the authorial discourse, are taken as the official version of events and, consequently, as "historical truths".

Keywords: Representation; Memory; Xica da Silva

“As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão”
Sandra Jatahy Pesavento, *História & História Cultural*, 2012.

INTRODUÇÃO

A figura histórica de Chica da Silva, amplamente conhecida no imaginário sócio-histórico brasileiro, tem sido objeto de diversas representações na cultura popular, como filmes, novelas e obras literárias. Francisca da Silva de Oliveira, nascida entre 1731 e 1735, foi uma mulher negra escravizada que desafiou as expectativas de seu tempo e alcançou posições de poder na elite mineira do século XVIII. Contudo, sua representação

cultural é frequentemente baseada em características como arrogância, manipulação, vingança e depravação, o que tem sido objeto de contestação por parte de historiadores.

Neste artigo, propomos analisar a formulação inicial da representação de Chica da Silva no imaginário sócio-histórico nacional, a partir da obra Memórias do Distrito Diamantino (1868), que daria espaço, séculos depois, a uma representação amplamente sexualizada, manipuladora e vingativa que distorce e mitifica a realidade da figura histórica.

Para tanto, utilizamos a perspectiva de autores como Stuart Hall (2016), Pesavento (1995; 2012), Car (2006), Chartier (2002), Le Goff (1990), Ricoeur (1994; 2007) e Thompson (1998) para analisar a importância da linguagem e da representação na construção de significados culturais e históricos, bem como no processo de exercício e disputa de poder na sociedade. A partir disso, investigamos como o conhecimento produzido por um discurso específico se relaciona com o poder, regula comportamentos, constrói identidades e subjetividades, e determina a maneira como certos objetos são representados, concebidos, vivenciados e examinados. Ademais, recorreremos à teoria dos corpos-signos de Bakhtin e Voloshinov (2006) para compreender a significação histórica do corpo negro feminino brasileiro a partir da representação de uma personagem histórica, como Chica da Silva, destacando a importância do corpo como uma fonte de significação e comunicação cultural.

Ao investigar a representação de Chica da Silva no imaginário sócio-histórico brasileiro, aspiramos contribuir para um maior entendimento sobre a complexidade dessa figura histórica e sua relevância como símbolo de resistência e resignificação do lugar social de mulheres negras durante o período colonial brasileiro. Além disso, esperamos lançar luz sobre os mecanismos de poder e construção de identidades que permeiam as representações culturais e históricas, destacando a importância de abordagens críticas e contextualizadas para a análise dessas questões.

FRANCISCA DA SILVA DE OLIVEIRA, A CHICA DA SILVA

Francisca da Silva de Oliveira, popularmente conhecida como Chica da Silva, foi uma brasileira que se tornou famosa por se tornar rica e poderosa apesar de ter nascido na escravidão. Ela nasceu na Vila do Príncipe (atual Serro), no norte do estado de Minas Gerais, no Brasil, entre 1730 e 1735. Sua mãe era uma africana escravizada, Maria da Costa. Seu pai era um português, Antônio Caetano de Sá.

Francisca viveu principalmente em Arraial do Tijuco (hoje Diamantina). A região de Minas Gerais era única por ter uma população bastante diversa em comparação com outras regiões escravistas da costa brasileira, do Caribe e dos Estados Unidos. As pessoas da cidade ganhavam a vida com a mineração de ouro ou diamantes.

Francisca pertenceu primeiro a Domingos da Costa, que era natural de Milho Verde. Depois de Costa, Francisca foi vendida ao sargento Manuel Pires Sardinha, com quem teve o primeiro filho, Simão Pires Sardinha. Embora Sardinha listasse Simão como um de seus herdeiros, ele nunca declarou oficialmente a paternidade de Simão. O terceiro mestre de Francisca foi João Fernandes de Oliveira, proprietário de uma mina de diamantes e governador mineiro do Arraial do Tijuco, uma das pessoas mais ricas do Brasil Colônia.

João Fernandes de Oliveira concedeu a liberdade a Francisca. Após ser libertada, Chica mudou oficialmente seu nome para Francisca da Silva de Oliveira para apagar sua história de escrava. Isso foi extremamente benéfico para seu filho Simão Pires Sardinha, que mais tarde na vida conseguiu esconder a ascendência escrava de sua mãe e sua condição de filho ilegítimo para receber o prestigioso título português de cavaleiro da Ordem de Cristo.

Segundo o que a historiografia dita “oficial” relata, a relação de Chica da Silva com João Fernandes foi um escândalo na sociedade colonial brasileira. Chica da Silva, ex-escravizada, tornou-se uma das mulheres mais poderosas da América colonial, ainda assim, foi banida da igreja paroquial, reservada apenas aos caucasianos.

Para mostrar seu poder, João Fernandes de Oliveira construiu uma luxuosa igreja frequentada apenas por Chica da Silva em Diamantina, Minas Gerais. A construção da igreja foi considerada um escândalo para a época, já que Chica da Silva era uma ex-escravizada e, portanto, não deveria ter acesso a privilégios reservados apenas aos brancos. No entanto, a construção da igreja permitiu que Chica fosse vista como uma mulher poderosa e influente, capaz de desafiar as normas sociais da época. Apesar disso, Chica também frequentava irmandades exclusivas de brancos, como forma de tentar se enquadrar no status quo e estar ciente de suas tramas contra ela e seu povo.

Chica da Silva tornou-se rica e poderosa por meio de seu relacionamento com João Fernandes de Oliveira, com quem teve treze filhos. A historiadora Júnia Ferreira Furtado mostra que o concubinato e o casamento entre homens brancos e mulheres negras na sociedade colonial brasileira foi uma forma encontrada pelos escravizados para mudar sua posição social. A alforria, mais do que o início para a formação de uma identidade negra

positiva, foi o início de um processo de aceitação dos valores da elite, a fim de inseri-los (ex-escravos) e também seus descendentes nesta sociedade.

Apesar de ser uma ex-escravizada que se tornou uma figura rica e poderosa, Chica da Silva também possuía escravos, e apenas um deles foi alforriado. Isso mostra que, mesmo após conseguir sua liberdade, Chica não se identificava com a luta dos escravos e tentou se integrar à sociedade branca da época. Essa postura é vista por alguns historiadores como uma tentativa de "embranquecimento", ou seja, de se afastar de sua origem escrava para tentar ser aceita entre os brancos.

A relação de Chica da Silva com João Fernandes de Oliveira durou quase duas décadas. Nesse período, o casal teve treze filhos, quatro meninos e nove meninas. A relação terminou em 1770, após a morte do pai de João Fernandes, quando este regressou a Portugal para resolver questões de herança familiar, levando consigo os quatro filhos homens que teve com Chica da Silva e o primogênito da companheira, Simão Pires Sardinha, para que tivessem acesso a um bom Educação. Lá, os rapazes adquiriram educação superior e alcançaram cargos importantes na administração do reino.

Por outro lado, Chica da Silva ficou no Brasil com as filhas e a posse das propriedades do marido, o que lhe permitiu continuar vivendo no luxo. Após a separação, ela se juntou a várias irmandades, que eram organizações que reuniam pessoas de mesma origem e condição social como forma de obter distinção e reconhecimento social. Em seu testamento, Chica da Silva doou parte de seus bens às irmandades religiosas do Carmo e de São Francisco, que eram exclusivas de brancos, e às das Mercês, exclusivas dos mestiços e a do Rosário dos Pretos, que eram reservadas aos negros. Isso demonstrou sua habilidade em se integrar em diferentes grupos sociais, comportamento necessário para a manutenção de sua posição social.

Chica da Silva faleceu em Serro Frio, Minas Gerais, em 15 de fevereiro de 1796, e foi sepultada na irmandade religiosa de São Francisco de Assis, que normalmente era reservada para a elite branca local. Todos os padres da cidade se reuniram em cerimônia em torno de seu corpo, que foi acompanhado até o túmulo por todas as irmandades das quais ela fazia parte. Isso demonstrou a distinção que ela havia alcançado em vida. Ao contrário do mito que se formou em torno dela, Chica da Silva não era a rainha dos escravos ou a redentora de sua raça. Porém, ela sabia como aproveitar as poucas oportunidades que o sistema oferecia para diminuir o estigma que a cor e a escravidão haviam imposto a ela e promover a ascensão social de seus descendentes.

Por mais que sua trajetória tenha sido romantizada e transformada em mito ao longo dos anos, a biografia de Chica da Silva é um retrato importante da história do Brasil colonial e da luta dos afrodescendentes por liberdade e igualdade. O livro de Júnia Ferreira Furtado, *Chica da Silva e o contratador de diamantes: o outro lado do mito*, reconstrói a trajetória de Chica da Silva e revela particularidades desconhecidas sobre os costumes da sociedade mineira colonial, o cotidiano das mulheres livres e relações na região no auge da mineração. Ela distingue o caráter histórico dos estereótipos aos quais Chica foi reduzida e mostra como Chica se integrou à sociedade mineira do século XVIII por meio de sua relação com João Fernandes de Oliveira.

AS “VERDADES HISTÓRICAS”: UM BREVE LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Apesar de ter sua imagem difundida nacionalmente por meio da cinematografia e da literatura, como em *Xica da Silva* (1976), de Carlos Diegues e no romance histórico *Xica da Silva*, de João Felício dos Santos, também publicado em 1976, pouco ficou conhecido sobre quem teria sido, de fato, a Chica da Silva³ de carne e osso que viveu no Tejuco durante o século XVIII, devido à mistura de construções históricas e narrativas ficcionais sobre sua vida. Dessa forma, é praticamente impossível hoje acessar informações sobre a Chica da Silva que não sejam baseadas em traduções ou imaginações.

Ademais, ao contrário do que se pensa, a liberdade e ascensão de Chica da Silva não são apenas fruto de um caminho único. Historiadoras como Júnia Furtado (2003) mostram que, na verdade, havia outras mulheres forras na região diamantina do século XVIII com trajetórias semelhantes. A presença de pessoas negras livres e em ascensão no Brasil Colonial, embora notável, foi muitas vezes “relegada ao esquecimento”. Isso ocorre porque, quando os livros de história mencionam essas figuras, geralmente as tratam como exceções.

Nesse contexto, pode-se argumentar que o apagamento de outras personalidades negras na história oficial representa uma tentativa de limitar e estereotipar as várias formas de ser negro(a) na colônia portuguesa do século XVIII. Esse processo ocorre por meio da seleção dos eventos que serão registrados na historiografia nacional.

Ao analisar a manipulação dos “fatos históricos”, Edward Hallet Carr (1996, p. 41) destaca que nossa percepção do passado é pré-selecionada e pré-determinada, formando-se

³ Utilizaremos Chica da Silva (com Ch) para mencionar a figura histórica vivente no século XVIII, e Xica da Silva (com X) para fazer menção à personagem histórica e ficcional.

como uma versão construída por indivíduos engajados, intencionalmente ou não, em uma perspectiva específica. Essas pessoas consideram os fatos que reforçam seus pontos de vista dignos de preservação. Carr (1996) enfatiza que os fatos históricos nunca nos são apresentados “puros”, pois sempre são filtrados pela mente de quem os registra.

Em seu livro *O que é história?* (1996), Carr argumenta que os fatos históricos não existem independentemente das interpretações e narrativas dos historiadores. Ele afirma que a seleção e organização dos fatos pelos historiadores são influenciadas por suas perspectivas, interesses e crenças. Carr sugere que a objetividade na história é um ideal inatingível, e que os historiadores devem buscar uma compreensão mais profunda e contextualizada dos eventos passados.

Seguindo essa linha de pensamento, Paul Ricoeur (1994; 2007) propõe que a História deve ser compreendida como uma interpretação e construção simbólica do passado, em vez de ser vista apenas como um registro de eventos objetivos. Para Ricoeur, a história é uma narrativa que atribui sentido e significado ao passado, permitindo que as pessoas entendam e interpretem suas experiências coletivas.

Com uma visão semelhante, John Thompson, em sua obra *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia* (1998), aborda a dimensão simbólica da história. Ele defende que a história é composta não apenas por eventos e processos materiais, mas também por processos simbólicos que envolvem a criação, circulação e interpretação de significados. Esses processos simbólicos são essenciais para a compreensão da história, uma vez que moldam a forma como pessoas e instituições interagem e se relacionam entre si.

Nesse contexto, Le Goff (1990) argumenta que é fundamental analisar cuidadosamente as condições de produção dos documentos históricos, sejam eles conscientes ou inconscientes. O autor entende que os documentos são criações humanas e, portanto, carregam valores, perspectivas e intenções de seus criadores. Dessa forma, os documentos não são apenas registros neutros de fatos, mas também expressões culturais e sociais de uma época. Isso implica que os historiadores devem abordar os documentos com uma postura crítica e interpretativa, levando em consideração o contexto e as condições de sua produção.

Ademais, Le Goff ressalta a importância de reconhecer e desconstruir o poder das categorias sociais e dos grupos dominantes em fornecer testemunhos que guiam a história. Segundo o autor, nenhum documento é inocente e deve ser analisado criticamente, desestruturado e desmontado:

Quer se trate de documentos conscientes ou inconscientes (traços deixados pelos homens sem a mínima intenção de legar um testemunho à posteridade), as condições de produção do documento devem ser minuciosamente estudadas. As estruturas do poder de uma sociedade compreendem o poder das categorias sociais e dos grupos dominantes ao deixarem, voluntariamente ou não, testemunhos suscetíveis de orientar a história num ou noutro sentido; o poder sobre a memória futura, o poder de perpetuação deve ser reconhecido e desmontado pelo historiador. Nenhum documento é inocente. Deve ser analisado. Todo o documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado. O historiador não deve ser apenas capaz de discernir o que é “falso”, avaliar a credibilidade do documento, mas também saber desmistificá-lo. Os documentos só passam a ser fontes históricas depois de estarem sujeitos a tratamentos destinados a transformar a sua função de mentira em confissão de verdade. (LE GOFF, 1990, p. 57)

Em conclusão, as ideias reunidas destacam a natureza subjetiva e interpretativa da história e dos documentos históricos. Os fatos históricos são moldados pelas perspectivas, interesses e crenças dos historiadores e indivíduos envolvidos na construção das narrativas. A história é uma construção simbólica que atribui sentido e significado ao passado, e os documentos históricos carregam os valores, perspectivas e intenções de seus criadores. Portanto, é fundamental abordar a história e os documentos com uma postura crítica e interpretativa, levando em consideração o contexto e as condições de sua produção. Além disso, é importante reconhecer e desconstruir o poder das categorias sociais e dos grupos dominantes na construção da história, analisando criticamente os documentos e suas implicações.

A XICA DAS MEMÓRIAS DE JOAQUIM FELÍCIO

Mesmo na ausência de um corpo vivente, a lembrança de Chica da Silva permaneceu viva na memória e na oralidade de homens e mulheres no nordeste de Minas Gerais desde seu falecimento, em 1796. A partir de então, sua imagem seria presentificada ao ser apresentada e registrada, pela primeira vez, como personagem histórica brasileira, apenas no ano de 1868, nas páginas das *Memórias do Distrito Diamantino* de Joaquim Felício dos Santos.

Tendo em vista que “o imaginário social se expressa por símbolos, ritos, crenças, discursos e representações alegóricas figurativas” (PESAVENTO, 1995, p. 24), se a imagem-lembrança de Chica da Silva residia na mente dos diamantinenses e se os fatos tidos como de sua vida passeavam pelas conversas populares através do campo volátil da

oralidade, a sua imagem passaria a se solidificar com maior intensidade no imaginário social a partir da linguagem escrita de Joaquim Felício dos Santos, configurando-a como “o lugar de expressão das expectativas e aspirações populares latentes” (BACZKO, 1985, p.303).

A obra escrita por Joaquim Felício dos Santos foi baseada em fontes primárias limitadas, incluindo relatos de antigos moradores locais e documentos escassos, que o autor teve acesso ao representar interesses de descendentes de Chica da Silva. O livro explora a história da mineração de diamantes no século XVIII e dedica um capítulo para a história de Chica da Silva, uma ex-escravizada que ascendeu socialmente durante o período colonial.

De acordo com Le Goff (1990), as representações históricas são influenciadas pelos movimentos sociais, políticos e culturais que surgem na sociedade. Joaquim Felício dos Santos, como historiador, age como um intérprete da opinião coletiva, criando uma representação de Chica da Silva que é influenciada pelo contexto histórico em que essa imagem foi concebida. Essa atitude reflete a perspectiva dominante de algumas sociedades históricas em relação ao seu passado e história.

Para tanto, faz-se necessário compreender que, neste contexto, as palavras e expressões recebem seu sentido na formação discursiva em que são produzidas (PECHÊUX, 2009), e que não há discurso neutro ou inocente, pois ele é produzido a partir de um lugar social e de uma perspectiva ideológica, veiculando valores e visões de mundo (FLORÊNCIO, 2009).

Partindo do conceito de que a representação consiste em “uma exposição, uma reapresentação de algo ou alguém que se coloca no lugar de um outro, distante no tempo e/ou no espaço” (PESAVENTO, 2012, p. 30), percebe-se, a partir da obra de Joaquim Felício dos Santos, a exibição de uma imagem repleta de valores atribuídos a Chica da Silva que se colocou no lugar da mulher de carne e osso do século XVIII que habitou no arraial do Tejuco e que se encontrava espacial e temporalmente distante do momento de escrita do autor.

Isto posto, se podemos pensar na representação histórica, e em um determinado aspecto na própria noção de imaginário relacionado a personagens históricas, como a imagem gerada a partir do que se deduz sobre o passado por meio do presente, talvez possamos considerar também que mesmo as representações memorialísticas de Chica da Silva são um acesso ao passado por meio do presente dos criadores. Dessa forma, haveria nessa representação aspectos da forma como o presente/contemporâneo olha para o passado representado e o imagina.

Na posição de homem branco do século XIX, Joaquim Felício dos Santos reconstrói a imagem de uma Chica da Silva, vivente nas Minas Gerais no século XVIII, conforme os desígnios de sua época, onde imperavam os preconceitos contra ex-escravizados, mulheres negras e uniões consensuais. Frente a isso, torna-se relevante reforçar o conceito levantado por Stuart Hall (2016, p. 26), de que são as formações discursivas que definem o que é ou não adequado em um enunciado sobre um determinado tema, área de atividade social, e nas práticas associadas a tal área ou tema; determinam que tipo de conhecimento é considerado útil, relevante e “verdadeiro” em seu contexto; e definem, também, que gênero de indivíduos ou “sujeitos” personificam determinadas características.

Desse modo, cercado pelo imaginário preconceituoso de seu contexto histórico e regido por valores europeus e cristãos, Joaquim Felício dos Santos faz projeções de suas impressões no século anterior. De acordo com Pesavento, isto se dá pelo fato de que “aquele que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo tem o controle da vida social e expressa a supremacia conquistada em uma relação histórica de forças” (2012, p. 31).

Para a historiadora Júnia Furtado (2003), é assim que nasce o mito de uma Xica da Silva cheia de atributos negativos, lascivos e selvagens, ou seja, com características criadas a partir da não ordenação/compreensão da existência de uma Chica da Silva no século XVIII, ao menos por parte da sociedade brasileira do século XIX. Portanto, a imagem construída de Xica da Silva na obra em questão, não é mais “a imagem legível na transparência, porque um discurso a atravessa e a constitui” (ACHARD, 1999, p. 55).

Diante disso, enquanto “membro da elite branca preconceituosa do século XIX” (FURTADO, 2003, p. 266), seguindo, portanto, o padrão de beleza europeu, bem como, exprimindo suas próprias preferências, o autor parte de preceitos racistas ao trazer uma apresentação repleta de descrições negativas sobre a suposta aparência de Xica da Silva, descrevendo-a como uma “uma mulata de baixo nascimento” (SANTOS, 1868, p. 161).

[...] tinha as feições grosseiras, alta, corpulenta, trazia a cabeça rapada e coberta com uma cabeleira anelada em caixos pendentes, como então se usava; não possuía graças, não possuía beleza, não possuía espírito, não tivera educação, enfim não possuía atrativo algum, que pudesse justificar uma forte paixão. (SANTOS, 1868, p. 161)

Neste fragmento, Joaquim Felício dos Santos molda a representação histórica Xica da Silva como não possuidora de grandes virtudes ao descrevê-la por meio de atributos de desqualificação física e intelectual. Isto posto, é possível observar a presença de um discurso

de cunho racista, no qual o autor inferioriza e julga como feios os traços de mulher negra, dado que, as feições “grosseiras” do corpo negro de Xica da Silva, por ser “alta e corpulenta” a afastavam do padrão branco e europeu, símbolo idealizador da beleza e civilidade.

Além disso, neste excerto, é possível notar que, mesmo adotando os costumes de vestimenta das mulheres brancas da elite local, como ter “a cabeça raspada e coberta com uma cabeleira anelada em cachos pendentes, como então se usava”, o corpo negro de Xica não era considerado belo. O autor reforça essa ideia ao mencionar que ela “não possuía graças” e “não possuía beleza”, atribuindo à imagem de Xica o estereótipo da negra feia.

Trechos como “não possuía espírito, não tivera educação” destacam características desqualificadoras atribuídas a Xica, que o autor enfatiza em sua obra. Esses fragmentos, selecionados para compor a imagem de Xica, indicam a repulsa que o autor pretendia imprimir na personagem. Dessa forma, essa produção se concentra no exotismo da figura negra e reproduz “estereótipos vinculados à semântica do preconceito” (DUARTE, 2011, p. 3).

Prosseguindo com o discurso racista e discriminatório, ao final do trecho, Joaquim Felício dos Santos retoma todas as qualificações negativas direcionadas a Xica, afirmando que a personagem “não possuía atrativo algum, que pudesse justificar uma forte paixão”. Considerando Xica da Silva uma das representações nacionais dos corpos negros femininos, neste recorte, além de reforçar o discurso desqualificador já apresentado, o autor perpetua estereótipos negativos sobre as mulheres negras, retratando-as como pouco atraentes e indignas de amor ou paixão.

Neste ponto, é importante observar que esse tipo de discurso não é apenas prejudicial, mas também impreciso, visto que a atratividade física é subjetiva e pode ser influenciada por vários fatores, como cultura, preferências pessoais e características individuais. Reduzir Xica da Silva a um conjunto de características físicas é uma forma de apagar sua personalidade, inteligência e capacidade de agir de forma autônoma, perpetuando estereótipos nocivos que contribuem para a marginalização das mulheres negras.

Frente a isso, conforme defendido por Júnia Furtado em entrevista a Marco Antônio Corteleti, “a publicação [de *Memórias do Distrito Diamantino*] faz de Chica a única negra a

figurar em um registro histórico e o autor encontra no sexo e na perversidade os pretextos para uma escrava merecer tal destaque”⁴.

Ao mencionar o poderio de João Fernandes, o autor relata que:

[...] Só uma mulher partilhava seu poderio; era a sua amante Francisca da Silva, vulgarmente conhecida por Xica da Silva. Foi celebre esta mulher, única pessoa ante quem curvava-se o orgulhoso contratador; sua vontade era cegamente obedecida, seus mais leves ou frívolos caprichos prontamente satisfeitos. Dominadora do Tijuco, com a influência e poder do amante, fazia alarde de um luxo e grandeza, que deslumbravam as famílias mais ricas e importantes; quando, por exemplo, ia às igrejas, — e então era aí que se alardeavam grandezas — coberta de brilhantes e com uma magnificência real, acompanhavam — as doze mulatas esplendidamente trajadas: o lugar mais distinto do templo era lhe reservado. (SANTOS, 1868, p. 144)

Neste fragmento, é possível observar como o autor descreve a imagem da personagem como alguém que “fazia alarde de um luxo e grandeza” devido à “influência e poder do amante”. Ao mencionar que os desejos de Xica eram “cegamente obedecidos” e seus “mais leves ou frívolos caprichos prontamente satisfeitos”, o historiador atribui a Xica da Silva uma representação de arrogância e manipulação.

Outra representação possível de ser observada, na obra de Joaquim Felício dos Santos, é a atribuição de um perfil vingativo da ex-escravizada, que se utilizava do poder de João Fernandes para obrigar “a elite local a se curvar à escrava opressora e dominadora, que se vestia ricamente e tinha tudo que o dinheiro e o poder podiam comprar” (FURTADO, 2003, p. 268). Para ter acesso aos favores do contratador, os visitantes, grandes e nobres, teriam que, antes de tudo, venerar e agradar a “Dominadora do Tejuco”.

Quem pretendia um favor do contratador, a ela primeiramente devia dirigir-se na certeza de ser atendido, se conseguia grangear-lhe a proteção. Os grandes, os nobres, que vinham a Tijuco, os infatuados de sua fidalguia, não dedignavam-se de render-lhe homenagem, curvavam-se a beijar a mão a amante de um vassalo do rei. Tal é o poder do dinheiro! (SANTOS, 1868, p. 144)

Além disso, Joaquim Felício dos Santos ressalta que a grandeza e o respeito conquistados por Xica se deram apenas pelo dinheiro de João Fernandes e pela ascensão social que ela adquiriu ao se unir em concubinato com ele. A afirmação final, “Tal é o poderio do dinheiro”, elucida a ideia de que, se não fosse pelo poder financeiro adquirido por Xica através de sua união com o contratador, ninguém, muito menos os grandes e nobres, se

⁴Reportagem

disponível

em:

<https://ufmg.br/comunicacao/publicacoes/boletim/educacao/1207/pesquisa-contesta-mito-de-chica-da-silva-1>

Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde. v. 25, n°2, 2023. e-ISSN: 1982-3010.

dirigiriam a ela de tal forma. Tal afirmação retrata, também, os ideais racistas e misóginos a que mulheres negras estavam sujeitas no período colonial, segundo os quais uma figura negra feminina só poderia obter respeito e ocupar importantes posições na sociedade mediante o dinheiro e o poder de um homem branco.

Dada a ausência de dados precedentes sobre a vida da ex-escrava, este discurso histórico marca a gênese das representações sobre Chica da Silva e exerce a função de discurso oficial. Desse modo, apesar de apresentar informações distintas da realidade sobre esta mulher histórica, como levantado posteriormente pelos estudos da historiadora Júnia Furtado (2003), a obra *Memórias do distrito diamantino* ocupa o papel de relato original, servindo como texto fundador para quase tudo o que se escreverá posteriormente sobre tal figura histórica. Portanto, com a publicação desta obra, “Chica da Silva passou a encarnar o estereótipo de mulher negra e escrava — e, apesar de negativa, assim nasceu sua lenda” (FURTADO, 2003, p. 267).

O CORPO NEGRO FEMININO COMO SIGNO E A REGULARIZAÇÃO DA MEMÓRIA NO IMAGINÁRIO COLETIVO

De acordo com Stuart Hall (2016), a linguagem opera por meio de sistemas de representação que empregam elementos simbólicos para atribuir significado às nossas expressões, transmitindo pensamentos, conceitos, ideias e emoções. Neste âmbito, Pesavento (2012) argumenta que as identidades são entendidas como representações sociais e construções simbólicas de sentido, baseadas na noção de pertencimento. A autora enfatiza que “as representações de identidade são sempre qualificadas com base em atributos, características e valores socializados em torno daqueles que compõem o parâmetro identitário e que se apresentam como diferencial em relação à alteridade” (PESAVENTO, 2012, p. 74).

Nesse sentido, Hall (2016, p. 21–22) propõe que o sentido (significado) esteja relacionado à maneira como a cultura é empregada para limitar ou preservar a identidade dos indivíduos *em um grupo* e também para destacar as diferenças *entre os grupos*. Isso nos permite desenvolver uma compreensão de nossa própria identidade e a quem nos identificamos.

Assim, Hall argumenta que a cultura é fundamental para a construção e manutenção da identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo. Ao nos identificarmos com um grupo, adotamos seus valores e normas culturais, o que nos ajuda a entender nosso lugar no mundo e a quem “pertencemos” (2016, p. 21–22). Dessa forma, “os significados culturais não estão apenas em nossa mente — eles organizam e regulam práticas sociais, influenciam nosso comportamento e, conseqüentemente, geram efeitos reais e práticos” (HALL, 2016, p. 20).

No sistema de representação, objetos, sujeitos e eventos estão relacionados a um conjunto de conceitos ou representações mentais que possuímos. O significado atribuído a esses elementos depende do sistema de conceitos e imagens formados em nossos pensamentos, que representam ou se colocam como o mundo.

Quando representados na ficção, os corpos negros femininos, enquanto signos, carregam consigo significados que vão além das diegeses, ou seja, das histórias em si. Esses significados estão associados a esses corpos historicamente e, dependendo do contexto de recepção e uso ou conhecimento desses significados, podem se mesclar aos significados atribuídos a esses corpos nas obras. No caso das representações memorialísticas de Xica da Silva no texto de 1868, é possível observar como evocam outros lugares de significação dos corpos de mulheres negras, além dos pressupostos por Joaquim Felício dos Santos presente na obra. Essas representações podem ser interpretadas como uma forma de resistência e perpetuação de estereótipos negativos sobre as mulheres negras, que historicamente foram retratadas como pouco atraentes, intelectualmente desqualificadas e indignas de amor ou paixão.

Como mencionado anteriormente, “o corpo é construído, moldado e remoldado pela interseção de uma variedade de práticas discursivas disciplinares” (HALL, 2012, p. 121). Com isso, é possível pensar sobre um *já dito* que circunda os corpos-signos. Os *já ditos* que constroem e inscrevem, historicamente, os corpos negros, dotando-os de significados e valores específicos, não foram atribuídos pelos próprios negros, mas sim pelos outros principais indivíduos da história da colonização, os brancos.

Por meio dos estudos de Silva (2013), é possível compreender que a construção de reproduções estereotipadas de personagens negros é justificada pela forma como a posição ocupada pelo negro na trama social migra para o interior de textos que procuram fazer registros históricos, uma vez que, tais documentos se completam pelo vínculo a conjunturas

políticas, sociológicas, econômicas, e é baseado nessas alianças que o negro é representado histórica e literariamente.

Esse histórico processo de significação dos corpos negros sob uma ordenação de “olhares” e “valores” impostos pelos indivíduos da supremacia social é o que, em uma cadeia de tradução do real e da realidade, faz com que grupos historicamente marginalizados não tenham tido e continuem não tendo controle sobre sua própria representação (SHOHAT; STAM, 2006).

É dessa forma que a obra investigada, além de realizar a abordagem histórica da exploração de diamantes, apresenta uma representação feminina originada de um discurso social masculino ideológico. Ao representar inicialmente uma figura histórica negra, em *Memórias*, a linguagem desempenha um papel crucial na definição e manutenção da visão de mundo “masculina” prevalente na maioria das sociedades ocidentais modernas (ROCHA-COUTINHO, 1994).

Neste contexto, o grupo dominante impõe sua visão de mundo, estabelecendo classificações, divisões, valores e normas que guiam o gosto e a percepção, além de definir limites e autorizar comportamentos e papéis sociais (PESAVENTO, 2012). É por meio dessa perspectiva que a memória histórica de Joaquim Felício dos Santos, imbuída desse poder simbólico, insere Chica da Silva na história.

Dessa forma, observa-se que a presença da estereotipação da personagem afro-brasileira, verificada na obra, evidencia as correntes de opinião, ideologias e movimentos sociais existentes em torno da raça negra e difundidas pelo discurso autoral. Desse modo, somente compreendendo que um estereótipo nunca é neutro, visto que, ele é forjado e está sempre refletindo situações de conflito social, é possível compreender a função que os estereótipos assumem na dinâmica social.

Nesse sentido, a representação identitária depreciativa de uma figura histórica negra feminina, que se destaca por contrariar o estereótipo colonialista, evidencia não apenas a visão preconceituosa do autor, mas também influencia a perpetuação de um imaginário coletivo desqualificador sobre mulheres negras brasileiras.

Ao analisar os elementos da História Cultural, Pesavento (2012) entende o imaginário como um sistema de ideias e imagens de representação coletiva, construído pelos seres humanos ao longo do tempo para dar sentido ao mundo. Esse sistema engloba crenças, mitos, ideologias, conceitos e valores, sendo responsável por construir identidades e exclusões, hierarquizar e apontar semelhanças e diferenças no âmbito social.

Ademais, Hall (2016, p. 16) destaca que, ao impor um discurso, a legitimação ocorre a partir da justificativa de maior esclarecimento, competência e eficácia social de quem fala. Considerando que, “o branco é, foi e continua sendo a manifestação do Espírito, da Ideia, da Razão” (SOUZA, 2019, p. 14), o poder de falar sobre o outro é atribuído à supremacia branca. Assim, a escrita da História e da Literatura e a regência da sociedade foram espaços reservados aos homens brancos, que possuíam grande influência sobre as formas de enunciação (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2006). Dessa forma, as representações elaboradas por esse grupo foram consideradas verdadeiras e, conseqüentemente, “reais”.

Com base nessa ideia, a obra de Joaquim Felício dos Santos, *Memórias do Distrito Diamantino*, apresenta um tom pejorativo ao descrever Xica da Silva, evidenciando a influência de discursos sociais. Essa representação faz parte de um imaginário que reflete e molda avaliações sociais presentes em manifestações orais e escritas de um período específico da história do Brasil e durante a produção da obra.

Achard (1999, p. 51) afirma que, no processo de transformação de um evento histórico em uma memória, a imagem transmitida é um operador de memória social, podendo afetar a integridade dos fatos. Nesse sentido, o “discurso da verdade”, como o produzido e divulgado socialmente sobre Chica da Silva, é resultado de relações de poder, já que cada sociedade possui seu regime de verdade e tipos de discurso aceitos como verdadeiros (FOUCAULT, 1979).

Segundo Chartier (1998), as representações do mundo social são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as cria. Há uma associação entre os discursos proferidos e a posição daqueles que os utilizam. Considerando o conteúdo da crônica de Joaquim Felício dos Santos e sua posição de autoridade como político, jurista e romancista, seu livro de *Memórias* se tornou notório e indispensável para quem deseja conhecer a história de Diamantina.

Thompson (1998) explora a relação entre a dimensão simbólica da história e a estrutura das relações de poder na sociedade. Para o autor, as instituições mediadoras e formas de comunicação impactam significativamente a distribuição e o exercício do poder, moldando a produção, disseminação e interpretação de informações e significados.

Para além dessas perspectivas, Hall (2016, p. 41–42) reitera que o sentido não está no objeto, na pessoa ou na coisa, e muito menos na palavra. Segundo o autor, somos nós quem fixamos o sentido tão firmemente que, depois de um tempo, ele parece natural e inevitável. Dessa forma, o sentido é construído pelo sistema de representação.

Embora a representação organize os traços deixados pelo passado e se apresente como a verdade do ocorrido, Pesavento (2012, p. 39) afirma que “ainda há um público, ouvinte e leitor da narrativa historiográfica, a quem se busca convencer, seduzir, provar”. Esse público deve ser persuadido de que o historiador oferece a verdade do acontecido. Isso ocorre porque, como argumenta o teórico da recepção Hans Robert Jauss, “a produção da narrativa histórica e sua aceitação como relato verossímil ocorre como uma resposta às expectativas do leitor” (*apud* PESAVENTO, 2012, p. 42).

Isto posto, é possível compreender que a mitificação da figura histórica de Xica da Silva se constitui não apenas pela representação inicial de sua identidade, mas também pela regularização de uma memória frente a determinada representação, uma vez que, “o sentido não se instaura por puro efeito do “desvio” imprevisto e esporádico de uma trajetória, mas pela duração desse “desvio” (sua “recorrência”), que permite que algum sentido “pegue”, mesmo que provisório” (ALTHUSSER *apud* FONTANA, 2017, p. 184),

Pois assim se concretiza a memória, lembranças individuais são partilhadas e recebem uma forma material, seja na fala ou na escrita, seja por meio de imagens, objetos guardados, ruínas, monumentos... E quanto maior visibilidade e aceitação (ou imposição) social essas lembranças têm, mais elas integram a memória “oficial” de uma sociedade. (SOETHE, 2009, p. 161)

Portanto, são os discursos em circulação, organizados na linguagem e delineados pelo contexto sócio-histórico, retomados, repetidos e regularizados, que constroem uma memória coletiva considerada “oficial”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, este artigo analisou a representação histórica de Xica da Silva na obra de Joaquim Felício dos Santos, destacando sua construção com base em valores culturais e sociais específicos. A análise demonstrou que a personagem não pode ser categorizada como uma representação real ou não real, mas sim entendida como uma construção que carrega aspectos simbólicos e significados ocultos, conforme proposto por Pesavento (2012).

Além disso, foi evidenciada a presença de estereotipação da personagem afro-brasileira, refletindo correntes de opinião, ideologias e movimentos sociais relacionados à raça negra. Com base nas ideias de Hall (2016), este estudo enfatizou a importância do

sentido e da representação na construção de identidades e na regulação de práticas sociais, bem como na criação de significados culturais através de “objetos culturais”.

Dessa forma, o estudo de Xica da Silva contribui para aprofundar o conhecimento sobre o papel das representações na construção de identidades e na perpetuação de estereótipos e preconceitos na literatura e na sociedade brasileira. A pesquisa ressalta a necessidade de compreender a dinâmica dos estereótipos e das representações e o impacto que exercem sobre a percepção e o tratamento de grupos marginalizados.

REFERÊNCIAS

BACZKO, Boronislav - Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaudi Anthropos - Homem*, Lisboa: Casa da Moeda - Imprensa Nacional, 1985, v.5.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. Coleção: Linguagem e Cultura. Vol. 3. Editora Hucitec, 2006.

ACHARD, Pierre [et. al.]. *Papel da Memória*. Tradução e edição José Horta Nunes. - Campinas, SP: Pontes, 1999.

CARR, Edward Hallet. *Que é história?* Conferências George Macaulay Trevelyan proferidas por E. H. Carr na Universidade de Cambridge, janeiro-março de 1961; tradução de Lúcia Maurício e Alverga, revisão técnica de Maria Yedda Linhares, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3ª ed. 1982, 7ª reimpressão, 1996.

CHARTIER, Roger. *A história cultural : entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel; 2002.

CORTELETI, Marco Antônio. *Pesquisa contesta mito de Chica da Silva*. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/publicacoes/boletim/edicao/1207/pesquisa-contesta-mito-de-chica-da-silva-1>.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Portal Literafro*. 2011, [p.1–17]. [Artigo Científico — online]. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>. Acesso em: 24 maio 2023.

FLORENCIO, Ana Maria Gama et al. *Análise do Discurso: fundamentos e prática*. Maceió: EDUFAL, 2009.

FONTANA, Mônica G. Z. O acontecimento do discurso na contingência da história. In: BARBOSA FILHO, Flávio Ramos; BALDINI, Lauro José Siqueira (Orgs.) *Análise de discurso e materialismos: historicidade e conceito*. Vol. 1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979
- FURTADO, Júnia Ferreira. *Chica da Silva e o contratador — o outro lado do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. — Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução - Bernardo Leitão [et.al.] -- Campinas, SP, Editora da Unicamp, 1990.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et. al. - 4ª ed. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, Parte III, 2009
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 16, n. 29, p. 9-27, 1995.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. - 3. ed. - Belo Horizonte : Autêntica, 2012.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François [et.al]. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa* (tomo 1). Tradução Constanã Marcondes Cesar - Campinas, SP; Papyrus, 1994.
- ROCHA-COUTINHO, M.L. *Tecendo por trás dos panos. A mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco. 1994.
- SANTOS, Joaquim Felício dos. *Memórias do distrito diamantino da comarca do Serro Frio*, Província de Minas Gerais, Rio de Janeiro, RJ: Typographya Americana, rua dos Ourives, n.19, 1868.
- SHOHAT, E.; STAM, R. *Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação*. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.
- SILVA, Amauri Rodrigues da. *Presença e silêncio da colônia à pós-modernidade: sinais do personagem negro na literatura brasileira* — Brasília: Editora Kiron, 2013
- SOETHE, Paulo Astor. *Literatura Comparada*. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009
- SOUZA, Neuza Santos. *TORNAR-SE NEGRO ou As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social*. 1.ª edição. LeBooks.com.br., 2019.
- THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*; Tradução de Wagner de Oliveira Brandão; revisão da tradução Leonardo Avritzer. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

Recebido em 8 de maio de 2023.

Aprovado em 25 de maio de 2023.

